



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — Carlos Maria Coelho

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talha — Lisboa e 5339
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

As inundações e a Câmara

Do temporal, que durante estes dias tem assustado Lisboa, algumas lições — e se podem aproveitar.

Houve na terça-feira passada uma série de desastres lamentáveis que como- veram a cidade inteira. Sete mortes. Foi um acontecimento doloroso. Quando na guerra provocada pelos governos e pelos capitalistas calram trinta e cinco milhões de vítimas não se ouviram os queixumes que esta catástrofe provocou pela natureza. E queixumes que se perderam a vida nestes últimos dias sejam mais me- nos merecedores de dó do que os ou- tros? Não. Apenas frisamos o contra- ste, o sentimentalismo paradoxal que a educação burguesa criou.

Entretanto não se devem atribuir unicamente à Natureza os desastres que tem sucedido. A imprevidência da Ca- meara Municipal, porém, é condenável em extremo. Se de facto a Câmara ti- vesse cumprido os seus deveres e não consentisse na construção de edifícios que são verdadeiras gaiolas, não teriam talvez morrido tantas pessoas por causa do temporal.

Há cerca de um ano publicou a Ba- talha uma carta — que foi enviada para todos os jornais — e só no nosso foi da- da a estampa — dos moradores do Alto do Pina reclamando contra a construção perigosa dum prédio na rua Heróides de Kionga. Como então dissemos, essa re- clamação foi entregue às autoridades competentes que não lhe ligaram im- portância, deixando prosseguir a obra. Ontem os bombeiros e a policia puzem na rua todos os moradores do re- ferido prédio.

O desastre de Xabregas podia ter si- do evitado. É costume todos os anos a quinta que se inundou, devido à acção das chuvas, ameaçar o muro que aba-

teu. O temporal desta vez foi forte, re- sultando o horrível desastre que acon- tecer, devido ao desmoronamento da parede que dá para Santa Apolónia. Se a câmara tivesse feito escavamentos para o rio, que está ali tão perto, nada dis- to aconterceria.

Ontem o muro da quinta do Duque Faial, na rua do Sol, ao Rato, abateu- se também. Felizmente não houve desas- tres pessoais a lamentar. Para os lados do Rego abateram alguns tapumes. Há alguns prédios ameaçando ruína.

No que respeita a construções, a Câmara é a principal responsável da catástrofe que abalou Lisboa.

É necessário, pois, que o povo da capital, no seu próprio interesse, exer- ça sobre a Câmara Municipal uma pressão forte que a leve a respeitar melhor a vida de cada um.

Quantas vezes o Sindicato Unico da Construção Civil tem protestado con- tra a forma irregular como a Câmara exerce a fiscalização das construções, sem que esta finja sequer ouvi-lo.

Ontem, a secção profissional de pe- dreiros do mesmo Sindicato reuniu pa- ra apreciar os resultados do último temporal. Verificou terem abatido al- guns trabalhos feitos a tapal, resolveu- se reunir em breve toda a classe a fim de se assentar na forma de se proceder energeticamente contra a Câmara Mu- nicipal de Lisboa, que considera a única responsável pela má construção e con- servação das propriedades.

A Câmara vai fazer o enterro das vi- timas por sua conta. É possível que al- gum se sensibilizasse com tanto cari- nho; nós, porém, condenamos por bi- pocritia. Será um gesto humanitário o do assassino que paga o enterro da sua vítima? Que comédia!

O momento internacional

NA ALEMANHA

Revelações do chan- celer Wirth

Numa sessão da comissão parlamen- tar, o chanceler Wirth leu uma carta do comissário do Estado, Weissmann, declarando que o coronel Braun, o ma- jor Kapp e capitão Erhard, três chefes da última revolta monárquica, se en- contram nos arredores de Munique (Ba- viera) numa casa circundada por trin- cheiras e defendida por tropas, inclu- indo um destacamento de polícia inclu- do ao serviço do governo de Munique. Todo aquele que se aproxima desta casa, sem ser conhecido, é recebido a tiros de espingarda.

O governo bavaro está perfeitamen- te ao facto do que se passa, estando o ministro da Justiça, Roh, em íntimas relações com os dirigentes do movi- mento «Kappista».

A «Reie Fahner», jornal comunista de Berlim, foi suspenso por três dias, por ter publicado documentos, comprovan- do que influências secretas actuam so- bre o governo de Wirth, evitando que ele tome medidas energéticas contra a reacção militarista.

O congresso dos metalúrgicos

Inaugurou-se em Iena o Congresso da Confederação metalúrgica alemã, estando presentes 780 delegados, e vá- rios representantes de organizações es- trangeiras.

A salvação dos congressistas foi feita por Weissmann, que declarou que a actual crise económica não era nacio- nal, mas internacional. A Liga das Na- ções, organismo defensor dos interesses capitalistas, devemos opor a Liga inter- nacional operária.

NA FRANÇA

Jovens anti-militaris- tas condenados

André Denis Leroy, secretário do comité de acção da juventude comu- nista, tendo-se declarado o autor dum manifesto intitulado «A mobilização», foi condenado a seis meses de prisão pelo tribunal de Paris.

Barel, director da «juventude anar- quista», foi condenado pelo mesmo crime a um ano de prisão.

NA ITALIA

Os crimes dos «fas- cisti»

Em Pieve, de Olmi alguns «fascisti» envolveram-se em desordem com os camponeses da localidade, ficando um dos primeiros morto.

Por vingança os seus companheiros devastaram a Cooperativa de consumo, e maltrataram todas as pessoas que compareceram ao local.

Em Cremona destruíram a tipogra- fia do «Eco do Povo», e em Alexandria espancaram um rapaz, deixando-o mu- lto ferido, que tinha assistido a uma conferência do deputado Baldesi.

NA INGLATERRA

Manifestação dos desempregados

Em virtude do depressimento com que as autoridades tem tratado a ques- ta da falta de trabalho, tem sido or- ganizadas em várias cidades da Ingla- terra manifestações de descontenta- mento.

Em Dundee os desempregados sa- quearam alguns armazéns, causando prejuizos a aliados em 16.000 esterli- as.

Em Liverpool e Bristol também tem

NA AUSTRIA

O congresso inter- nacional das vi- timas da guerra.

Realizar-se há em Viena, de 30 de Setembro a 2 de Outubro, o segundo Congresso Internacional das vítimas da guerra. A sede do conselho desta Inter- nacional é em Paris, e é dirigida pelo secretário geral Henrique Barbusse.

Espera-se que todas as organizações dos mutilados de guerra se façam re- presentar, contando-se já com a Ale- manha, a Alsácia-Lorena, a França e a Inglaterra.

Henrique Barbusse, defende a ne- cessidade da criação dum ligra ligra internacional a favor das vítimas da guerra.

Os soldadores de Portimão em con- flito com os industriais

Estão em greve os operários da Fábrica A Mercantil

Os soldadores de Portimão que há muito vinham reclamando melhoria de situação, reuniram a 12 do corrente em assembleia geral, sendo resolvido en- viar as tabelas de aumento de salário aos industriais da vila e arredores a quem concederem o prazo de três dias para responder. A 15 foi suspenso o tra- balho na Fábrica A Mercantil para que os proprietários exercessem pressão sobre os restantes industriais a fim de se so- lucionar o conflito. Foi resolvido que os operários em luta fossem socorridos pelos que se encontram a trabalhar.

Os industriais, reuniram a 19 do cor- rente na associação comercial e indus- trial, tendo combatido asperamente a tabela apresentada pelos soldadores. A comissão de melhoramentos aguardou no dia 19 uma resposta definitiva.

Os soldadores reclamam os seguintes aumentos:

— Lutas de 1/4, 1/8 e 1/422, um escudo, 1/4 americano um escudo e vinte cen- tavos, 1/40 meio alto um escudo e cin- conta centavos, 4/4 quatro quartos, 2 escudos e cinquenta centavos, preços por cada cento de latas, e para os que trabalham de jornal, o salário de 5500, com oito horas de trabalho, sendo as suplementares, pagas a dobrar.

A prosa de três manos feroces

Uma reliquia contra duas vidas

Ali na igreja dos Mártires, estão gan- nhando a vida dois proprietários de dois modestos estabelecimentos: o duma rapariga, flor fanada que vende flores murchas, e a dum homem sorridente e gordo, vendendo livros velhos.

Salta-lhe-lhe com pulos feroces de pan- tera, três manos da irmandade, esgri- mindo com umas relíquias, cobertas de poeira de muitos séculos, na pretensão de os exortar.

Causa náuseas o encarniciamento des- tes endinheirados jantadores da Garret contra os humildes que procuram gan- nhar a vida.

E que estranho argumento esse, o das relíquias a impedirem com os seus respeitáveis séculos de existência os es- forços dos que procuram ganhar coti- dianamente o negro pão que comem.

Os três manos chamam-se Morga- de Almeida, Sebastião Pessanha e Pa- dre Fernandes de Castro.

Uma 'chantage' jornalística

O que se diz da prisão dum jovem comunista

Há por aí um jornal que ninguém lê e que o público apenas aproveita para ornamento as retiques, que para ver a sua tiragem subir alguns exemplares não recusa ante os maiores crimes de difamação.

Esse jornal como todos os jornais tem um director e, se o papelucho se- bemto que nos suja as mãos não é lido, em compensação o director é, pelos seus processos de vida e pela sua mor- talidade de estereotipo, bastante conhecido. Os leitores devem estar lembrados da- quele indivíduo a quem os trabalhado- res dos jornais chamavam «Marreco das Iscas». É esse quem dirige o jornal em questão.

O tal «Marreco das Iscas» quiz on- tem fazer jornalismo sensacional e como não tem consciência, não tem moral, não tem brio, julga que sensacional é tudo quanto à custa da mentira e da deturpação cause espanto. Inventou um gatuno de crianças.

Ora, esta coisa de «gatunos de crianças», só estas três palavras causam arrepios tremendos e o «Marreco» aproveitou-se disso. Aquella noticia de ontem, que ele avolumou a três colunas é uma verdadeira burla.

Relata a prisão de José de Sousa, jó- vem comunista, dando-o como gatuno de crianças... de vinte anos. Pobres crian- ças de vinte anos que assim se deixam levar por um rapaz quasi da mesma idade.

Da veracidade daquela carta que pu- blicou, ainda se há de averiguar. Diz o tal jornalístico caseiro que junto da policia se informou. E' extraordinário que só áquella periódica a policia dissesse que os documentos eram importantes, quando a outras pessoas foi dito que os papéis encontrados a José de Sousa ne- nhuma importância tinham.

Nenhum dos outros documentos que o paquim cita tem importância de maior. Entretanto, como á hora que o papelucho sujo de sandices apparece á nossa frente, não podiamos averiguar rapidamente a verdade, que estamos convencidos será muito diferente, reser- vamo-nos para amanhã apreciar melhor os processos jornalísticos daquele cava- lleiro.

O jovem comunista José de Sousa, a quem o referido jornal attribue cobras e legatários, vai ser enviado para a torre de S. Julião da Barra, a fim de ali sofrer prisão temporária e ser entregue ao ofi- cial judicial do regimento de telegrafis- tas de praça.

Entretanto os charlatões dos 50 mi- lhões não fogem porque não querem, e quando são presos ainda lhes pedem desculpa.

U. S. O.

Comissão administrativa

Para tratar de um assunto de resolução urgente, reúne amanhã a comissão administrativa pelas 21 horas.

Um processo ridiculo

Malatesta é citado para com- parecer novamente pe- rante o tribunal de Milão

Henrique Malatesta foi citado para comparecer perante o tribunal de Mi- lã no dia 22 do corrente, por ter que- rido, ou consentido, que a «Unità di Nova», se vendesse a 10 centesimi, quan- do um decreto governamental prescre- via que fosse de 20 centesimi o preço mínimo de venda de todos os jornais.

Os jornais «L'Epoca e Il Giornale del Popolo», de Roma, também continuaram a vender-se ao preço de 10 centesimi, mas, por enquanto, só a «Unità di Nova» é que teve as honras de ser processada por tal crime.

Pré-pressos por questões sociais

Comissão central

Reúne hoje, pelas 20 horas, devendo comparecer todos os delegados que compõem esta comissão.

Pede-se a comparencia de um dele- gado de conselho jurídico da C. G. T., assim como um membro da comissão administrativa da U. S. O.

REVULSIVOS

Vinte cinco mil escudos

Sendo, embora, um dinheirão, Não é nada para estudos. Mas leva o coiro a Nação E os ornamentos pelados.

Entretanto, o parlamento Votou, creio, sem discussão Essa verba, por intento Do ministro da Instrução, Pelo que os cumprimento.

Para as escolas primárias São mil escudos, apenas... Para as de 2.ª e 3.ª secundárias São quatrocentos dezzenas E dois mil as Artes varias.

Mas para fazer doutores Ficam treze mil, restantes. Pois bem sabem os leitores Que são muito poucos abundantes, Entre nós, essas senhores.

E dessa falta a razão É que os crimes e as doações Augmentam, na proporção Das sabias leis e sentenças Que os doutorados nos dão.

J. B.

TRABALHADORES, LEDE A NOVELA VERMELHA

O professorado primário

e as acusações do senador Silva Barreto

Recebemos as seguintes cartas a que, com muito gosto damos publicidade:

Presado camarada redactor do jornal «A Batalha». — Confiada na benevolên- cia de v. atrevo-me a dirigir-lhe estas mal alinhadas linhas, pedindo-lhe com o máximo interesse para que sejam pu- blicadas no jornal de que o camarada é mui digno representante.

Na minha qualidade de professor pri- mário não podia deixar de protestar contra as injustas acusações que o sena- dor sr. Silva Barreto dirigiu ao pro- fessorado primário.

Sim, porque não há de o professor primário, o verdadeiro educador ser sin- dicalista? Porque não há de o professor ter as ideias sublimes do amor do próximo do genuíno altruísmo? E isto não é ter politica, porque a consciência dos seus deveres e a materialização dos mais ele- vados ideais, não conduzem o homem á degradada situação de se envolver em lutas dessa natureza.

Sou mulher e não tenho politica, por- que não a tolerando nos homens, mu- lto menos nos indivíduos do meu sexo, mas não posso deixar de patentear o meu entusiasmo por isso a quem tanta gente chama com desprezo — sindicalis- mo.

Como professora o meu entusiasmo atinge o cúmulo e empregarei todas as minhas forças em inocular nos cérebros dos meus pequeninos alunos, filhos do- ctos do meu espirito, todas as ideias do bem, da liberdade e da justiça.

Nesta hora suprema, em que todos lutamos para nos afastarmos do ter- rível abismo em que estamos prestes a despeñarmo-nos, que se compenem bem dos seus deveres, que se unam no mais indissolúvel amor, deixando-se de estabelecer gerarquias, porque a huma- nidade é toda uma e que por muito al- to que se esteja colocado sempre se ne- cessita do auxilio dos nossos semelhan- tes.

Vou terminar, demonstrando a mi- nha sincera admiração pelo meu distin- to colega sr. Canhão Júnior, que não tenho o prazer de conhecer pessoalmente, mas que muito aprecio pelas suas palavras e ideias, que tive a satis- facção de ler na «Batalha».

Agradeço também ao camarada re- dactor a sua condescendência para co- migo e encontro-me ás suas ordens.

Lisboa, 21-9-21.

Lubella C. RIBEIRO

Professora da Escola Sindical de Belem.

DE BOM HUMOR

Pior a emenda...

Aqui há dias alguns jornais deram noticia de que um servente de pedreiro caíra dum andaime, na obra dos bai- ros sociais, ao Arco do Cego.

E como quer que assim não fosse a comissão administrativa dos referidos bairros pediu a este jornal a rectifica- ção da mesma noticia, o que se fez por ser alegado que o dito servente não caíra do andaime, mas sim fora colhido entre duas vaguetas quando, á hora do descanso, andava de brincadeira com outros rapazes, vindo, infelizmente, a morrer desse desastre.

No meu conceito e sem prejuizo dou- tro mais acertado, foi peor a emenda que o soneto, pois me parece que não devia consentir-se que os rapazes brin- cassem de tal maneira.

Na obra em questão deve haver um encarregado ou alguém para olhar por essas cousas.

Mas, pelo visto, se os rapazes tives- sem tido a lembrança de brincar ás fo- gueiras do S. João, dentro da obra, como brincaram com as vaguetas, bem podia ser que a obra ficasse reduzida a cinzas e montões de entulho.

A desculpa, não colhe, por conse- guinte, tanto mais que os rapazes não podem deixar de ser vigiados, tanto quando trabalham, como á hora do descanso.

É possível que a administração dos bairros sociais entenda de outra ma- neira, neste particular, mas assim como eu digo, é que me parece que está certo.

E pelo exposto se conclui que, no ca- so sujeito, a asneira não a fizeram os rapazes que não discernem, como é próprio da sua idade, mas sim quem devia discernir por eles mas que não quiz relatar-se, deixando-os á rédea solta sem poder remediar depois o que, com alguma atenção, poderia ter evitado.

Tenham paciência mas o mal e a ca- ramuaha, por um só, não passam sem reparo, cá no meu julgado.

Isto quer dizer que, em matéria de responsabilidade, cada um ás suas, em- bora seja muito cómodo acudir á igne do capote sobre os parceiros desperce- bidos.

O choque

Fui ouvir, anteontem, a conferência feita pelo dr. Carneiro de Moura, na Associação dos Caixeiros, preferindo a conferência ao meu pobre jantar em família, no que procedi com todo o acerto visto que, se Paris valia bem uma missa, não me recordo para qual monarca francês, a conferência a que me refiro valeu para mim, e deve ter valido para muitos que a ouviram, por- três dúzias de jantares na Garrett, com musica ou sem ella, mesmo porque, por força de circunstâncias nem sempre in- dependentes da minha vontade, vivi-

Senhor redactor de «A Batalha». — Lendo o vosso artigo publicado no do- mingo, 16, sobre a classe do profes- sorado primário acerca das acusações do sr. Silva Barreto, tive a forte impres- são de que fostes profundamente injus- tos nas vossas apreciações e de mo- mento me invadiu a alma imensa deso- lação por os dirigentes da minha ci- dad produzirem uma defesa tam falha de energia quanto cheia de infelicidade. Mas aqui no vosso jornal não é lugar pró- prio para eu discutir os actos dos di- rentes da União.

Fá-lo-ei porém em outro lado.

Por agora apenas deixo frisar e cen- surar as afirmações que fizestes no vos- so artigo, sendo algumas delas de tal modo iniquas que já est'ora terei ba- tido no peito contritos.

Entre os membros da classe do pro- fessorado primário muitos há — estai- certos disso — cujo espirito ascende bem alto ás regiões limpidas do ideal e que longe de se «quererem ganhar o mais possível» aspiram sim a um remune- ração condigna do seu esforço, que muitas vezes vai além das suas energias físicas e mentais; que longe de que- rerem «manter os seus alunos nas men- tas e dogmas religiosos ou livres pen- sações» anseiam por libertá-los dessas

pesas e deprimentes, encaminhando-os para a senda livre da Verdade e da Be- llezza; longe de «manifestarem sempre a sua fé arranjada» se dedicam pelo con- trário do íntimo da alma aos assuntos do ensino, ao melhoramento e aperfeiçoamento da Escola Primária; longe de «empregar o pontapé e o cachaceio» procuram levar as crianças pela sanção moral, pelo carinho, pela persuasão, pelo amor; que longe de quererem «meter-lhe no crânio por empinção» as noções instrutivas, lhes explicam tam claramente e tantas vezes quantas as precisas para que a sua tenra intelligen- cia facilmente as assimile; que sempre tem reclamado com energia a construc- ção de edificios escolares cuja estética e hygiene sejam em harmonia com a fun- ção nobilíssima de jardins de flores hu- manas; que sempre tem pugnado por que a Escola seja um verdadeiro tem- plo de educação e de fénos grandes des- tinos da humanidade á superfície do planeta que ocupamos; que ella seja um cadinho premente donde saiam: subli- moses do espirito e o carácter da criança para a compreensão da verdadeira moral humana, daquella que deve levar á cooperação mútua e voluntária entre os indivíduos, daquella que destina para cada boca o pão suficiente e para cada braço o trabalho possível. — Bombarral — Carvalho 20-9-21. — António M. F. Moura, moço sup. ensino primário

muíto mais pelo espirito do que pelo estômago, e ainda bem que é assim.

Origens do crime foi o tema da so- bredita conferência, a qual, na minha opinião e para o meu entendimento consid'ro como sendo a mais brilhante entre as conferências de maior e cons- tante brilhantismo que o dr. sr. Car- neiro dr. Moura sempre tem feito na minha presença e das quais, em geral como naquella, em especial, colhi magni- fica lição de factos e de fluéntissima oratória muito espontânea, sendo igua- lmente certo que a conferência sobre as Origens do crime me deixou, além de encantado pela formosura da sua dic- ção e dos seus conceitos, bastante co- movido e apreensivo, devido, isso ás suas formidáveis e exactas conclusões sobre odo aterrorizantes para as classes superiores.

O facto que o illustre conferente lá se referia já salta para o chão mas é provável que esteja a aguarçar as unhas para espantá-las, em occasião oportuna, no pasceio do proletariado, se al co- seguir depenhar-se mais alguma vez, o que bem poderia acontecer porque os felinos são arteiros e persistentes...

O intuito da conferência, assim me pareceu, foi o amortecimento do cho- que que há de dar-se, por força, mais dia menos dia — queiram que não que- ram proletários e patrões — entre o trabalho que é função principal da vida e seu agente essen. lal e o capital, mera função do trabalho.

Sim!

O choque tem que dar-se, sendo, porém, humano e razoavel amortec- lo, no próprio interesse do proletariado de maneira que elle se produza o mais su- avelemente possível, bipartido, é o ter- mo, a resultante do mesmo choque, de maneira que as duas forças antagonicas ou opostas que o originam não se des- truem uma contra a outra.

Julgo ser este o critério superior do Ex.º conferente das Origens do crime.

Este vem a ser também o meu pró- prio critério e por elle me tenho orien- tado, com precedência do meu comen- tamento do sr. Lloyd George, cujo cri- tério, no caso sujeito, é igual ao meu reservada a grande distancia existente entre nós ambos, porque elle é elle e eu sou eu, encontrando-nos, por conse- guinte, muito afastados um do outro na escala social.

Pois, meus senhores, duma banda e outra — amortecemos o choque que tem que dar-se, a menos que pretendi- mos ficar sem conceito e dar a alma, completamente perdida, ao diabo do desespero — impotente.

Felicitio o dr. sr. Carneiro de Moura pela sua conferência d' anteontem e, muito penhorado, lhe agradeço a ex- plendida lição que me deu, do princí- pio ao fim da mesma conferência, que foi de certeza e para o auditorio, não foi pedra que caísse em cego rolo ou num pedra sem fundo, como é costume di- zer-se.

No próximo dia 1 de Outubro

A Batalha começará a publicar-se, todos os dias, com quatro páginas, apresentan- se completamente remodelada, desenvolvendo as suas actuaes secções e introduzindo outras novas.

Além de uma desenvolvida informação do estrangeiro que permi- tirá aos seus leitores acompanhar, a par e passo, o movimento social internacional, A Batalha desenvolverá também as suas informações da provincia, dedicando páginas especiais ao operariado local.

A par do noticiário corporativo que habitualmente insere, A Ba- talha trará os seus leitores ao facto dos principais acontecimentos de rua e da vida politica, fazendo-os acompanhar dos comentários que os casos sugerirem.

Os assuntos de palpitante interesse serão ventilados quer pelos seus colaboradores, quer em reportagens ligeiras e incisivas.

Um folhetim original e inédito de um escritor social muito apreciado pelo nosso publico, preenderá a atenção e trará sempre sus- pensa a curiosidade das nossas leitoras, cujos interesses especiais ao sexo A Batalha não descuidará.

Com a renovação que em A Batalha se operará, A Batalha será um jornal de interesse para todos, útil, educativo e sempre de fl- grante actualidade.

Apesar do aumento do número de páginas e do acréscimo de despeza com o aumento dos quadros tipográficos, redactorial, de in- formação, e de reportagem que os melhoramentos que lhe vão ser in- troduzidos, tornam indispensável, A Batalha continuará a dever ser exigida aos vendedores ao preço de 5 centavos (50 réis).

Aos sindicatos, camaradas e amigos, previne-se que já se en- contra á sua disposição, na administração de A Batalha, a segunda emissão de acções e obrigações do valor de um escudo cada. Esta nova emissão torna-se necessária para ocorrer ás despesas extraordinárias que a renovação de A Batalha acarreta. Adquirir, pois, títulos da 2.ª emissão de acções e obrigações, é contribuir para que A Batalha se torne um jornal moderno e de interesse geral, noticioso, de com- bate e educativo, indo assim de encontro ás aspirações do proleta- riado e ás necessidades da propaganda.

Tendo-se posto muitos dos nossos dedicados camaradas á nossa disposição para auxiliar A Batalha, esperando apenas que lhes in- dicássemos o modo de poderem ser úteis ao nosso jornal, aqui le- mbramos algumas das muitas maneiras de poderem contribuir eficaz- mente para a vida e a expansão de A Batalha:

Adquirindo a todos os dias, quer seja comprando-a avulso, quer seja por assinatura, sendo esta a forma mais conveniente ao jornal, desde que paga directamente e antecipadamente.

— Não comprando outro jornal aos vendedores que não levem A Batalha e preferindo, para as suas compras, as tabacarias e quiosques que tenham a venda A Batalha.

— Dando a preferência ás tabacarias que tenham A Batalha para leitura dos seus fregueses.

— Adquirindo uma ou mais obrigações do valor de um escudo cada.

— Organizando nas provincias grupos de amigos de «A Ba- talha» que teriam a seu cargo a propaganda constante e em toda a parte do jornal, e auxiliar a facilitar a sua vida, entre outros, por es- tes processos: afixagem de cartazes, fiscalização da venda pelos agentes o vendedores, cobrança de assinaturas e contas devidamente autorizadas pela administração, remessa de noticias, organização de páginas especiais da localidade e monografias e inquéritos á vida e ás necessidades do operariado local, criação de sucursais para a venda de A Batalha e suas publicações e recepção de noticias e anún- cios, enfim passando obrigações, angariando anúncios e assinaturas e aproveitando as sessões e reuniões publicas para a propaganda do jornal.

— Não inutilizar A Batalha depois de lida, deixando-a, se a não coleccionarem, nos combóios, nos carros, nos restaurantes, nos cafés, nos bancos dos jardins, em qualquer parte, enfim, onde possa ser lida por outros.

GRANDES ARMAZENS
DO
CHIADO
Km 1, Fátima e Brasil, Lapa